

Mulher

Quem és tu?



Fazendo História Popular

CEFURIA • 8 de março de 2006

A Mãe e o Pai estavam assistindo televisão, quando a Mãe disse:

— Estou cansada e já é tarde. Vou me deitar.

Foi à cozinha fazer uns sanduíches para o lanche do dia seguinte na escola, passou uma água nas taças das pipocas, tirou carne do freezer para o jantar do dia seguinte, confirmou se as caixas dos cereais não estavam vazias, encheu o açucareiro, pôs tigelas e talheres na mesa e preparou cafeteira do café para estar pronta para ligar no dia seguinte. Pôs ainda umas roupas na máquina de lavar, passou uma camisa a ferro e pregou um botão que estava caindo. Guardou umas peças do jogo que ficaram em cima da mesa, e pôs a agenda do telefone no lugar. Regou as plantas, despejou o lixo e pendurou uma toalha para secar. Bocejou, espreguiçou-se e foi para o quarto. Parou ainda no escritório e escreveu uma nota para o professor do filho, pôs num envelope junto com o dinheiro para pagamento de uma visita de estudo e apanhou um caderno que estava caído debaixo da cadeira. Assinou um cartão para uma amiga, selou o envelope e fez uma pequena lista para o supermercado. Colocou ambos perto.

A essa altura o Pai disse lá da sala:

— Pensei que você tinha ido se deitar.

— Estou a caminho. – respondeu ela.

Pôs água na tigela do cão e chamou o gato para dentro de casa. Certificou-se de que as portas estavam fechadas. Espreitou para o quarto de cada um dos filhos, apagou a luz do corredor, pendurou uma camisa, atirou umas meias para o cesto da roupa suja, e conversou um bocadinho com o mais velho que ainda estava estudando.

Já no quarto, acertou o despertador, preparou a roupa para o dia seguinte e arrumou os sapatos. Depois lavou o rosto, passou creme, escovou os dentes e acertou uma unha quebrada.

A essa altura, o pai desligou a televisão e disse:

— Vou me deitar.

E foi sem mais nada.

(Este texto foi enviado ao CEFURIA via internet, sem identificação de autoria)



Fazendo História Popular

CONSELHO POLÍTICO DO CEFURIA
GESTÃO 2005-2007

Adenival Alves Gomes

Adiles Jovina Zangrande

André Langer

Fernanda Striker Fernandes Bastos

Gisele Carneiro

Gustavo Erwin de Oliveira Kuss

Liliane Santana da Silva

Lourdes Marchi

Lucimara das Graças G. C. de Oliveira

Luiz Fernandes Bastos

Márcia Carneiro Knapik

Maria Cristina Hein Lacerda

Maria das Dores Tucunduva Santos

Maria Lúcia Tucunduva Menocin

Marli Aparecida de Oliveira Gonçalves

Michelangelo Ramero

Moema Hofstaetter

Onélia Passaroti

Salette Bagolin Bez

Silvio Miranda

Viviane Aparecida de Lara Matos

Mulher



Quem és tu?

CEFURIA • 8 de março de 2006

Sumário

ALÔ MULHER!	4
Por que um dia da mulher, se ela está na luta todos os dias?	5
E as mulheres brasileiras, se acomodaram na sua condição de “rainha do lar”?	6
Qual a contribuição concreta do CEFURIA nesta luta?	9
Mas, que lições podemos tirar de toda esta história?	11
MARIA SEM-VERGONHA DE SER MULHER	13
E como as mulheres podem reabastecer suas energias neste dia 8 de Março?	15
Filmes sobre mulher e gênero para empréstimo na Videoteca do CEFURIA	16
Referência bibliográfica	16

Alô Mulher!

“O movimento de mulheres é de rebeldia, desobediência, digna e justa, a deuses, governos e imaginários patriarcais. As mulheres querem ‘dar à luz’ uma nova era, abraçando e criando, em suas vidas, uma cultura de amor por tudo o que é considerado ‘feminino’, também presente nos homens, embora menos valorizado pela nossa cultura que os diminui como ‘coisa de mulher’: amor, paixão, nutrição, síntese, cooperação, totalidade, intuição, relação, natureza, etc.”

– **Íris Boff**

N

este ano de 2006, o CEFURIA completa seus 25 anos de existência. E, para uma organização popular, cuja vitalidade, se deve majoritariamente à ação de muitas mulheres, nada mais justo que iniciar as comemorações de suas “bodas de prata”, homenageando as mulheres lutadoras do povo no dia 8 de Março – Dia Internacional da Mulher!

O mês de março tem um forte significado para o CEFURIA, pois nos lembra, com tristeza, a morte da Irmã Tereza Araújo. Mas, ao mesmo tempo, celebramos o exemplo forte desta mulher, que inspirou com sua luta cotidiana a fundação deste Centro de Formação.

Com este subsídio o CEFURIA quer não apenas prestar sua homenagem às mulheres mas, principalmente, dar sua

contribuição nesta reflexão de gênero que, não se limita à discutir questões específicas da mulher, mas diz respeito a uma visão de mundo que tem a ver com o princípio feminino de vida para todos os seres.

A todas as mulheres que, dia após dia, com suas duplas ou triplas jornadas de trabalho, constroem um mundo melhor: menos competitivo e individualista; mais solidário e amoroso, o nosso abraço e gratidão!

*Conselho Político do CEFURIA
Gestão 2005–2007*

Por que um dia da mulher, se ela está na luta todos os dias?

V

amos lembrar nossa história...

No final do século 19 e início do século 20, as condições de trabalho nas fábricas eram péssimas. Mulheres e crianças constituíam a maior parte da força de trabalho nas tecelagens. A jornada diária chegava a superar 16 horas. Assim, desde 1850, as mulheres lutaram por melhores condições de vida e trabalho.

Tecelãs e costureiras empreenderam várias greves. Há uma que é sempre citada nos folhetos do 8 de Março, que teria ocorrido nos Estados Unidos em 1857; em cuja fábrica os patrões teriam, deliberadamente, ateadado fogo, matando 129 operárias.

Entretanto, alguns estudiosos dizem que este fato não teria ocorrido realmente e que este mito é fruto de confusão entre outras duas greves ocorridas em Nova Iorque. A primeira delas foi uma longa greve real, de costureiras, que durou de 22 de novembro de 1909 a 15 de fevereiro de 1910. Na segunda, também ocorrida na mesma cidade dos Estados Unidos em 1911, foi registrada a morte de 134 pessoas, na maioria mulheres imigrantes judias e italianas, provocada por um incêndio, causado pela falta de segurança nas péssimas instalações da fábrica têxtil. Mas esta, era uma época de muitas lutas, porque o capitalismo estava se consolidando às custas do suor e sangue dos trabalhadores

e das trabalhadoras, inclusive crianças.

Foi por conta de todas essas lutas que a 2ª Conferência Internacional das Mulheres Socialistas, realizada na Dinamarca em 1910, aprovou uma resolução que propunha a realização anual do Dia Internacional da Mulher. O primeiro objetivo desta data era fortalecer a luta pelo direito ao voto das mulheres. E também ligar esta luta à questão mais ampla das mulheres, numa perspectiva socialista.



“O Dia da Mulher nasceu das mulheres socialistas”. Ilustração: Latuff.

E as mulheres brasileiras, se acomodaram na sua condição de “rainha do lar”?

É

claro que não!

Entretanto é importante lembrar as origens autoritárias da formação econômico-social do Brasil. Aqui a opressão contra a mulher era acrescida da exploração imposta à sociedade brasileira, pelos países ricos. Primeiro por Portugal, que na época da Colônia se utilizava das mulheres índias e negras como reprodutoras. Era preciso que muitos mestiços nascessem para produzir e extrair riquezas daqui e envia-las para a Metrôpole. Os colonizadores exploraram os índios no trabalho escravo e as índias como concubinas ou empregadas domésticas.

Mais tarde, as mulheres negras trazidas da África como escravas, além de trabalharem como tal, eram usadas como instrumento de prazer do seu senhor, podendo até serem alugadas para outros senhores.

Índias e negras, portanto, foram criadoras de mais-valia, seja como reprodutoras da força de trabalho, seja trabalhando diretamente na casa dos senhores. Assim agregaram valor aos setores econômicos mais importantes da época: minas, fazendas, plantações.

Muitas delas resistiam, se embrenhavam mato adentro ou cometiam suicídio. Outras provocavam aborto para

impedir que novos escravos surgissem. Além, é claro, de se organizarem em Quilombos. Uma das fundadoras do Quilombo de Palmares foi a negra Aqualtune, avó de Zumbi. Outra guerreira de Palmares foi Dandara, que após a derrota do Quilombo, preferiu suicidar-se a voltar à vida de escrava. Muitas outras mulheres lideraram a luta nos Quilombos.

Após as Revoluções Industrial e Burguesa na Inglaterra e na França, o capitalismo sobe como modo de produção dominante no mundo. Os ventos de “liberdade” que sopravam no Brasil, promoviam várias revoltas pela independência. Mas, antes que o povo a fizesse, a Inglaterra pressionou Portugal a fazê-lo, pois aquele país da Revolução Industrial, estava de olho nas matérias-primas e no mercado consumidor que já se formara aqui. Esta “negociata” foi, em grande parte, obra da Maçonaria; organização que vedava a participação das mulheres.

Portanto, mesmo após a “independência”, o papel da mulher brasileira, numa sociedade patriarcal, era relegado ao de dona-de-casa, esposa e mãe. Muitas mulheres se rebelavam contra isso, mas poucas delas ganharam espaço nos livros de história, como foi o caso de Anita Garibaldi.

Várias outras brasileiras se envolveram nas lutas republicanas e abolicionistas: Nísia Floresta, Maria Firmina, Narcisa Amália, Luísa Mahim, Chiquinha Gonzaga, entre outras. Além daquelas que se rebelaram contra o recrutamento de soldados para a injusta guerra do Paraguai.

É preciso fazer um grande esforço de pesquisa para encontrar nos arquivos, referência a estas lutadoras pois, infelizmente, a história foi contada pelos vencedores e estes, numa sociedade patriarcal, são homens brancos e, qua-

se sempre, pertencentes à classe dominante.

ANINHA E JOÃO

(Lúcia Miners e Paula Ynez)

O pai chegou em casa com o jornal embaixo do braço. Viu Aninha e riu demais:

— Que é filha?

Aninha explicou:

— Não quero mais ser menina! Meninas não podem fazer nada, só chorar! Não é divertido!

— E o que você quer fazer? – Interessou-se o pai.

Aninha respondeu:

— Quero subir em árvores, não ter medo de escuro. Não quero ficar andando atrás do João, arrumando coisas que ele espalha. E quero ser comandante de navio quando crescer.

Como se sabe, a abolição da escravatura não significou a integração do negro e da negra à sociedade brasileira. As indústrias nascentes no Brasil utilizavam-se majoritariamente de mão-de-obra branca dos imigrantes.

Mas mesmo a mulher operária era duplamente explorada, pois tinha que trabalhar na fábrica e no lar. Além de sofrer assédio e todo tipo de violência dos supervisores e patrões e ter salários sempre mais baixos que os dos homens, com jornadas de trabalho superiores.

Muitas greves de tecelões ocorreram também no Brasil, onde a maioria era formada de mulheres. A luta pela regulamentação do trabalho feminino, abolição do trabalho

noturno para mulheres e crianças, redução da jornada, eram algumas das reivindicações.

Há notícias de greves de tecelãs e costureiras no Brasil desde 1906. em 1917 a greve das operárias têxteis da fábrica Crespi, foi o estopim de uma greve geral que paralisou São Paulo.

Nos anos 20, as mulheres estiveram na Coluna Prestes e lutaram pelo direito ao voto, que foi incorporado à Constituição de 1934, com a ajuda de Carlota Pereira Queirós, a primeira mulher constituinte brasileira.

E a luta das mulheres continua até os dias atuais. A década de 70 teve um grande impulso na luta pela emancipação da mulher; e sua participação no Movimento de Participação na Constituinte de 1988 foi muito importante.



As mulheres brasileiras lutaram contra o Regime Militar, denunciaram as torturas e participaram da luta pela Anistia.

Nomes como Margarida Alves, Dorcelina Folador e, mais recentemente, o da Irmã Dorothy Stang têm que ser trazidos sempre na memória do povo brasileiro, como exemplo de mulheres que doaram suas vidas à causa de justiça e do amor. Enfrentaram o latifúndio, o tráfico de drogas e a ganância dos poderosos, em defesa dos empobrecidos e injustiçados.

Qual a contribuição concreta do CEFURIA nesta luta?

Desde a sua fundação, em 1981, o CEFURIA incorporou a discussão de gênero. Vários cursos de formação sobre a temática foram realizados. Mais que isto. Seminários e Oficinas específicas de Comunicação e Oratória para Mulheres; Participação Política da Mulher; Gênero, Raça e Classe; são algumas das atividades voltadas para a questão da mulher, desenvolvidas em diversos momentos da vida do CEFURIA.

Importante também é lembrar os quase 30 títulos de filmes para empréstimo na Videoteca, tratando da temática. Vamos destacar dois deles pela sua importância histórica. O primeiro, “Companheiras de Luta”, foi gravado pela equipe do CEFURIA no 1º Congresso Nacional do MST, realizado em Curitiba, em 1985. Ali estão gravados depoimentos de mulheres que discutem as limitações e possibilidades que sua participação encontra nos próprios movimentos sociais camponeses e operários.

Entre esses depoimentos, encontra-se um de Elizabete Teixeira, das Ligas Camponesas, que teve que amargar o exílio dentro de seu próprio país por causa do golpe militar de 64. E outro de Ana Dias, companheira do operário Santo Dias, assassinado por um policial durante uma passeata dos metalúrgicos em São Paulo, no ano de 1979. Seja participando diretamente ou não, quantas lutas as mulheres

sustentara com seu trabalho “oculto”, cotidianamente!

O segundo vídeo que queremos destacar é o “Marias do Povo”, produzido em parceria com o MPMP – Movimento Popular de Mulheres do Paraná no seu aniversário de 10 anos. Neste vídeo, as atrizes foram as próprias participantes do MPMP. Aborda o machismo na sociedade e o drama das mulheres que precisam trabalhar fora; os entraves colocados pelos patrões para mulheres com filhos, etc.

Por fim, é importante lembrar que o CEFURIA não apenas ajudou na organização das mulheres, mas acolheu em sua sede, durante 10 anos, a secretaria operativa do Movimento Popular de Mulheres do Paraná. No campo, o MPMP acabou se desdobrando na Organização das Mulheres Trabalhadoras Rurais que hoje, se constitui no forte Movimento de Mulheres Camponesas.

Na cidade, muitas mulheres do MPMP se integraram em outras organizações, como: Associações de Moradores, Sindicatos e Partidos. Além de darem início às primeiras experiências de auto-sustento que hoje se fortalece na Rede de Sócioeconomia Popular Solidária.

Em novembro de 2005, o CEFURIA publicou o livro “Movimento Popular de Mulheres do Paraná: 10 anos construindo vida”, que se constitui também num excelente subsídio de estudo sobre gênero, além de preservar a memória histórica coletiva das mulheres que construíram o movimento.

Mulher, quem és tu?



Mas, que lições podemos tirar de toda esta história?

A

primeira delas é de que a libertação das mulheres será obra das próprias mulheres. Prova disto é que grande parte da história contada aqui, foi sistematizada por uma mulher – Maria Amélia de Almeida Teles. Que como tantas outras mulheres, resolveu não permitir que a memória histórica das mulheres brasileiras seja apagada.

A segunda lição a tirar é que, as raízes autoritárias da formação do nosso país atingiu duplamente as mulheres. E que, em função da mentalidade machista e patriarcal, em pleno século XXI, muitos homens brasileiros continuam submetendo as mulheres, praticando atos de violência contra elas, dentro de suas próprias casas. Homens e mulheres se desumanizam neste processo. Os que praticam a violência se aproximam dos animais; as que são vítimas desta violência vêem suas vidas e sonhos desabarem.

A terceira lição é de que, as mulheres, exatamente por causa desta dupla ou tripla exploração, ao darem seu grito de liberdade, podem fazê-lo de forma muito mais integral. À sua ação nos espaços públicos – trabalho, política, comunidade – somam-se a experiência do mundo privado – o cuidado com a vida, com a casa, com os filhos, os idosos, os doentes. A mulher vê e vive o mundo, de forma mais totalizante. Não separa razão e emoção. Não tem vergonha de mostrar seus sentimentos. Estas são qualidades própri-

as do feminino, das quais o mundo atual é tão carente!

Uma última lição a tirar desta história é que todos os direitos hoje desfrutados pela humanidade, são conquistas. Não são doações dos poderosos. Conquistas resultantes de muita garra e luta cotidiana. Assim também são as conquistas das mulheres. O 8 de Março é apenas um dia para celebrá-las, reabastecer as energias e continuar a luta; porque como metade da humanidade e mães da outra metade, as mulheres não podem se omitir. Não para conquistar o poder do mando, mas para mostrar que o poder é um serviço a ser exercido em favor da vida!

MARIA SEM-VERGONHA DE SER MULHER

(Nanci Silva, Campo Grande, MS)

Já são tantas. Milhares. Milhões. Uma verdadeira rama, florescendo por todo o planeta. Lilás. São Marias-sem-vergonha de ser mulher.

Não são só florzinhas. São mulheres se agrupando misturando suas cores, gritando seus encantos, exibindo suas verdades.

São domésticas. Bailarinas, médicas, estudantes, bancárias, professoras, escritoras, garis, brancas, negras, índias, meninas... São agricultoras...

São sem-vergonha de lutar, acreditar, denunciar, exhibir, reivindicar, sonhar...

São Marias-sem-vergonha de dizer que ainda falta trabalho, salário digno, respeito...

Que ainda são vítimas da violação física, da porrada, do assédio, do estupro, do aborto,



da prostituição, da falta de assistência...

São Marias-sem-vergonha de se indignar diante do preconceito, da escravidão, da injustiça, da discriminação de seus cabelos pixaim e a sua pele negra...

São Marias-sem-vergonha de brigar por creche, educação, saúde, moradia, terra, comida, meio ambiente, pelo direito de ter ou não ter filhos...

São Marias-sem-vergonha de ficar bonita pintar a boca e da sua boca soltar um beijo que não vem da boca, mas de seu ser interior, indivisível, solitário.

São Marias-sem-vergonha de dizer NÃO, de buscar alegria, prazer... Sem-vergonha de se cuidar, de usar camisinha e de se apaixonar. Atrevidas.

Marias-sem-vergonha de decidir, fazer política escolher e ser escolhida. São essas sem-vergonha que a cada tempo mudam a história.

Conquistam direitos. Dão a vida. Geram outras vidas. Insistentemente, desavergonhadamente vão tecendo de cor e beleza, o desbotado das relações humanas.

Sem medo, sem disfarce, sem-vergonha de ser feliz vão parindo com dores e delícias um novo mundo pra mulheres e homens.

*Um novo mundo pra “comunidade dos seres”:
humanos, plantas e animais.*



E como as mulheres podem reabastecer suas energias neste dia 8 de Março?

Muitas coisas podem ser feitas. Reunir grupos de mulheres nas comunidades para celebrar, ler e discutir o presente subsídio é uma delas. É só solicitá-lo ao CEFURIA (3322-8487).

Outras entidades estão elaborando materiais didáticos para discussão em grupos de base. Uma delas é a Pastoral Operária (3322-8265).

A Central Única dos Trabalhadores e o Fórum Popular de Mulheres (3232-4649 com Eliana), estão organizando atividades, entre elas uma “oficina de batuque” na Praça Santos Andrade às 16 horas e depois uma caminhada até a Boca Maldita, no dia 8 de março.

As mulheres do MST (3324-7000) estarão concentradas no Parque Castelo Branco e farão uma caminhada no centro da cidade, no dia 27 de março, à tarde.

Nós do CEFURIA, além da elaboração deste material, estamos resgatando as propostas do Ciclo de Debates sobre e com Mulheres, realizado em novembro do ano passado, em parceria com o CEPAT, e chamando outras organizações do meio popular para conversar.

A proposta que está sendo amadurecida, é construir com as comunidades e grupos de base, um dia de exposição em tendas (8 de Março), na Boca Maldita, de materiais

que mostrem como é a vida dos diferentes segmentos de mulheres que constroem a cidade – seu trabalho, suas dores, suas contribuições, seus sonhos. As mulheres dos diferentes segmentos passariam o dia na Boca, abordando e conversando com as pessoas que passam, explicando e divulgando seu trabalho:

- Carrinheiras
- Migrantes
- Mulheres da Socioeconomia Popular Solidária
- Portadoras de deficiência física e de doenças mentais
- Mulheres submetidas à amputação dos seios
- Educadoras
- Vítimas de violência doméstica

E tantos outros segmentos de mulheres interessadas em denunciar ou mostrar o que fazem, o quanto sofrem, o que as faz felizes e o que estão dispostas a trocar solidariamente com a sociedade, para construírem uma cidade e um mundo melhor.

Todas que quiserem participar deste mutirão, são bem-vindas, é só ligar para um dos telefones acima e se engajar.

Filmes sobre mulher e gênero para empréstimo na Videoteca do CEFURIA

- Companheiras de Luta
- Marias do Povo
- 8 de Março: dia internacional da mulher
- Acorda Raimundo, acorda!
- Diferentes, mas não desiguais
- Que bom te ver viva!
- Um sonho impossível?
- Gênero, mentiras e videoteipe
- Médicas, bruxas e curandeiras
- Fala, mulher da vida!
- Outros títulos.

Referência Bibliográfica

Maria Amélia de Almeida TELES. **Breve história do feminismo no Brasil.** Coleção tudo é história nº 145. São Paulo: Brasiliense, 1993.

Vito Giannotti. **O dia da mulher nasceu das mulheres socialistas.** Rio de Janeiro: Núcleo Piratininga de Comunicação, 2004.

Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores. **Guerreiras: herança sem testamento.** CEPAT Informa nº 126. Boletim Especial. Curitiba, setembro de 2005.

Márcia Carneiro Knapik (Org.). **Movimento Popular de Mulheres do Paraná: 10 anos construindo vida.** Curitiba: Gráfica Popular/CEFURIA, 2005.

